



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

MARIA CAROLINA MENGARDA BUOSI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE
FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO E OBSTETRÍCIA VETERINÁRIA**

Curitibanos
2024

MARIA CAROLINA MENGARDA BUOSI

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE
FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO E OBSTETRÍCIA VETERINÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Medicina Veterinária.

Orientadora: Profa. Dra. Marcy Lancia Pereira.

Curitibanos

2024

Buosi, Maria Carolina Mengarda

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA ÁREA DE FISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO E OBSTETRÍCIA VETERINÁRIA / Maria Carolina Mengarda Buosi ; supervisora, Marcy Lancia Pereira, 2024.

55 p.

Relatório de Estágio - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária, Curitibanos, 2024.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Medicina Veterinária. 3. Estágio curricular. 4. Casuística. 5. Reprodução Animal. I. Pereira, Marcy Lancia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Maria Carolina Mengarda Buosi

**Relatório de estágio curricular obrigatório na área de Fisiopatologia da
Reprodução e Obstetrícia Veterinária**

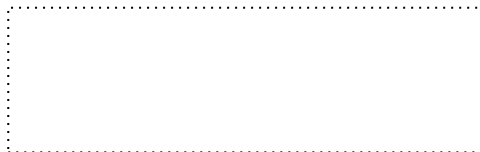
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Médica Veterinária e aprovado em sua forma final pelo Curso Medicina Veterinária.

Curitibanos, 5 de dezembro de 2024.



Coordenação do Curso

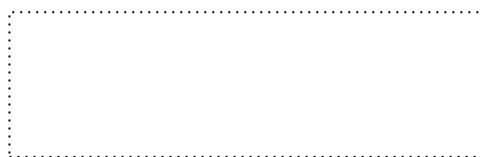
Banca examinadora



Profa. Dra. Marcy Lancia Pereira

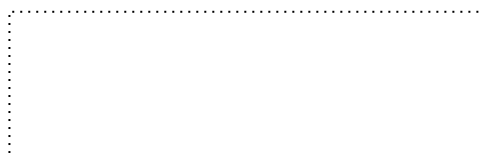
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



M.V, Maria Helena Souza de Aguiar

Laboratório Vertà



Profa. Dra. Tathiana Ferguson Motheo

PPGBA – UNIC

Universidade de Cuiabá

Curitibanos, 5 de dezembro 2024.

AGRADECIMENTOS

Sou grata acima de tudo aos meus pais, Ricardo e Daniela, que investiram em mim e acreditaram nesse sonho, às vezes mais do que eu mesma poderia, meus exemplos de esforço, dedicação e família. Com eles aprendo cada dia mais que distância não é sinônimo de ausência.

Agradeço aos meus irmãos Ana e João por serem a luz do meu mundo, me ensinando sobre responsabilidade e amor, meu maior presente é ter vocês.

Aos meus avós, Sílvia, Devanir, Izaltino e Alzira, por todo o incentivo e lições de vida. À minha família, por todo o amor e apoio, em especial aos meus tios Camilo, Gerusa, Ju, Ale, Paulo, Dudu, Thais e Carlão.

Aos meus primos Livia, Julia, Sofia, Mateus, Gabriel, Enzo, Ryan, Renan e Luca, pela amizade, amor e parceria.

À minha família da UFSC, Kevin, Carlos, Lucas, Ana Laura, Viviane, Maria Helena e Danielle, por toda nossa caminhada e pela Universidade ter me presenteado pessoas assim.

Aos amigos que fiz em Curitiba, Ana Beatriz, Luma, Amanda, Julia, Duda, Camila, Cainan, André e tantos outros que tenho muito carinho, por todos os momentos de descontração.

À minha colega de apartamento e caloura, Dani, pela paciência e filhos de quatro patas que dividimos.

À Vivi, quase uma colega de apartamento também, por ser minha dupla para além da faculdade, dividindo comigo aniversários, neurônios e muito mais.

Aos meus amigos, pelo apoio durante esses anos e pela nossa amizade, especialmente ao João, Blumenau e Manu.

À Bia, pelos conselhos de sempre, amizade infinita e por ser a pessoa que posso sempre contar.

À Julia, por toda a parceria, amizades, passeios aleatórios e os surtos para compor nossa amizade.

Agradeço imensamente aos amigos que abriram as portas de casa para mim, Leo, Lu, Sandra e Jana.

Aos veterinários que me deram oportunidades, Francieli, Eduardo, Giana, Ray, Julia, Nadine, Bruna, Cleiton e Junior, foram professores e exemplos de profissionais, me mostrando a medicina veterinária através de seus olhos.

Aos residentes, mestrandos e professores da UNESP, Natalia, Ana, Luiz, Leticia, Carol, Vanessa, Julia, Profa. Maricy, Profa. Fabiana, Profa. Fernanda e tantos outros, por todo aprendizado que tive na instituição, além das amizades que fiz em Botucatu, Thamires, Duda(s), Amanda, Luana, Laís, Carol, Samara, Ana, Fernanda e meninas da Maracangalha (Gabi, Yasmim(s), Teresa, Vitoria, Duda, Ana, Tainá, Giovana e Vic).

À equipe da USP, Mari, Marcelo, Profa. Gisele, Monike, Malu, entre outros, pelos dias aprendendo com todos, assim como pelas amizades que fiz em São Paulo, Anally, Giovana, Helena, Adriana e Laura.

Ao Bambam e o Simba por serem os motivos pelos quais me apaixonei por animais e a gasolina para decidir seguir a veterinária, minhas estrelas mais brilhantes.

Às minhas outras saudades, Xuxa, Marley, Harry, Duque, Mariana, por me mostrarem as dores e os amores da veterinária.

À Dora e o Alf, meus filhos de quatro patas, pelo amor puro e incondicional que apenas um animal consegue nos mostrar.

Aos professores da Universidade Federal de Santa Catarina com os quais aprendi muito nesses 5 anos, pela paciência e sabedoria das aulas, além dos conselhos que levarei para minha carreira, foi uma honra aprender com vocês, em especial minha orientadora Profa. Marcy.

Essas linhas estarem cheias só me mostram o quanto tenho que agradecer pelas pessoas ao meu redor, pois “somos um mosaico das pessoas que já amamos nessa vida”.

RESUMO

O estágio curricular obrigatório consta como disciplina na décima fase no currículo do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), permitindo ao graduando aplicar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos durante a graduação em um ambiente externo ao seu meio acadêmico, além de poder explorar com mais foco a área que escolheu atuar. O presente relatório tem como objetivo discutir e descrever a rotina e as atividades realizadas durante o estágio curricular, sob orientação da Profa. Dra. Marcy Lancia Pereira, realizado em dois programas diferentes, a primeira parte na área de Fisiopatologia da Reprodução e Obstetrícia no Departamento de Reprodução Animal do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (FMVZ – UNESP) entre os dias 12/08 e 20/09/2024 e a segunda parte no Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos do Departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade de São Paulo (FMVZ- USP) entre os dias 30/09 e 08/11/2024.

Palavras-chave: Estágio obrigatório; Medicina Veterinária; Reprodução animal.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship counts as a discipline in the tenth phase of the Veterinary Medicine School program's curriculum of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), allowing the graduate to apply all theoretical and practical knowledge acquired during the course in an environment outside of their own academic surroundings, in addition to being able to explore the area of choice with more focus. The present report has the objective to discuss and describe the routine and the activities performed during the curricular internship, under orientation from Prof. Dr. Marcy Lancia Pereira, carried out in two different programs, the first part in the Physiopathology of Reproduction and Obstetrics area of the Animal Reproduction Department of the Veterinary Hospital of the Veterinary Medicine and Animal Science – São Paulo State University Júlio Mesquita Filho (FMVZ – UNESP) between 08/12 and 09/20/2024 and the second part in the Dogs and Cats Obstetrics and Gynecologist service of the Animal Reproduction Department of the Veterinary Medicine and Animal Science – University of São Paulo (FMVZ - USP) between 09/30 and 11/08/2024.

Keywords: Mandatory internship; Veterinary Medicine; Animal Reproduction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Sistema de registro do HOVET da FMVZ – UNESP	15
Figura 2. Aparelhos de ultrassonografia utilizados na rotina da Reprodução Animal FMVZ – UNESP. 2A– Aparelho MindRay para rotina de grandes animais; 2B- Aparelho MyLabFive para rotina de pequenos animais.....	16
Figura 3. Entrada Principal: Ambulatório de pequenos animais da área de reprodução animal da FMVZ – UNESP.....	17
Figura 4. Ambulatório de pequenos animais da Reprodução Animal FMVZ- UNESP.	17
Figura 5. Ambulatório neonatal da Reprodução Animal FMVZ – UNESP.	18
Figura 6. Incubadora Pet Brooder 90 para aquecimento e atendimento de neonatos.	18
Figura 7. Centro Cirúrgico e Obstétrico da Reprodução Animal FMVZ – UNESP....	19
Figura 8. Ambulatório de grandes animais da Reprodução Animal FMVZ- UNESP.	20
Figura 9. Tronco de coleta de sêmen da Reprodução Animal FMVZ- UNESP.....	20
Figura 10. Sala de procedimentos de grandes animais da Reprodução Animal FMVZ- UNESP.....	21
Figura 11. Fachada do Hospital Veterinário da FMVZ – USP.	37
Figura 12. Sistema de gestão e registro GuruVet utilizado no HOVET da FMVZ - USP.	38
Figura 13. Ambulatório do Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos da FMVZ - USP.....	39
Figura 14. Bloco cirúrgico do Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos da FMVZ - USP.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Procedimentos ambulatoriais em pequenos animais FMVZ – UNESP.	22
Tabela 2. Procedimentos cirúrgicos em pequenos animais FMVZ UNESP.	24
Tabela 3. Procedimentos ambulatoriais em grandes animais FMVZ - UNESP.	24
Tabela 4. Procedimentos cirúrgicos em grandes animais FMVZ - UNESP.	26
Tabela 5. Relação de animais atendidos na FMVZ - UNESP separados por espécie e sexo.	27
Tabela 6. Relação de raças atendidas na FMVZ - UNESP.	28
Tabela 7. Faixa etária dos cães atendidos na FMVZ - UNESP.	30
Tabela 8. Casuística separada em sistemas dos animais atendidos da FMVZ - UNESP.	30
Tabela 9. Casuística de afecções de sistema reprodutivo feminino acompanhadas na FMVZ – UNESP.	31
Tabela 10. Casuística de afecções de sistema reprodutivo masculino acompanhadas na FMVZ – UNESP.	34
Tabela 11. Casuística de afecções de outros sistemas acompanhadas na FMVZ – UNESP.	36
Tabela 12. Procedimentos ambulatoriais acompanhados na FMVZ - USP.	41
Tabela 13. Procedimentos cirúrgicos acompanhados na FMVZ - USP.	42
Tabela 14. Relação de animais atendidos na FMVZ - USP separados por espécie e sexo.	44
Tabela 15. Relação de raças atendidas na FMVZ - USP.	45
Tabela 16. Faixa etária dos cães atendidos na FMVZ - USP.	46
Tabela 17. Faixa etária dos gatos atendidos na FMVZ - USP.	46
Tabela 18. Casuística separada em sistemas dos animais atendidos da FMVZ – USP.	47
Tabela 19. Casuística de afecções de sistema reprodutivo feminino acompanhadas na FMVZ – USP.	47
Tabela 20. Casuística de afecções de outros sistemas acompanhadas na FMVZ – USP.	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CERAN	Centro de Biotecnologia em Reprodução Animal
DBP	Diâmetro biparietal
DPP	Dias para o parto
FMVZ – UNESP	Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho
FMVZ – USP	Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de São Paulo
HOVET	Hospital Veterinário
IG	Idade Gestacional
LH	Hormônio Luteinizante
OH	Ovariohisterectomia
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
SRD	Sem raça definida
TNM	Classificação de Tumores Malignos
TVT	Tumor venéreo transmissível
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 UNESP – HOSPITAL VETERINÁRIO	14
REPRODUÇÃO ANIMAL	15
AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO DE PEQUENOS ANIMAIS	16
CENTRO CIRÚRGICO E OBSTÉTRICO DE PEQUENOS ANIMAIS	18
AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO DE GRANDES ANIMAIS	19
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	21
ATIVIDADES ACOMPANHADAS	21
3 CASUÍSTICA FMVZ UNESP	26
ESPÉCIE E SEXO	27
RAÇAS E SEXO	27
FASES DE VIDA	29
AFECÇÕES	30
SISTEMA REPRODUTIVO FEMININO	31
SISTEMA REPRODUTIVO MASCULINO	33
OUTROS SISTEMAS	35
4 USP – HOSPITAL VETERINÁRIO	36
OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA VETERINÁRIA DE CÃES E GATOS	38
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	40
ATIVIDADES ACOMPANHADAS	40
5 CASUÍSTICA FMVZ – USP	44
ESPÉCIE E SEXO	44
RAÇA E SEXO	44
FASES DE VIDA	45
AFECÇÕES	46
SISTEMA REPRODUTIVO FEMININO	47
OUTROS SISTEMAS	49
6 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório é uma disciplina do quinto ano do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), realizada no décimo semestre após cumprimento de todas as matérias e pré-requisitos do currículo do curso, com carga horária mínima de 450 horas. O objetivo principal desta disciplina é o desenvolvimento do graduando em uma área de atuação fora do ambiente acadêmico em que possa pôr em prática o conhecimento teórico prático que adquiriu no decorrer do curso de graduação, além do aprimoramento do acadêmico dentro de sua área de interesse.

O estágio pode ser realizado em concedentes relacionadas às áreas de atuação do Médico Veterinário, desde que de acordo com as normas do Regulamento de Estágio e devidamente conveniadas à Universidade de origem do acadêmico.

O presente relatório de estágio descreve as experiências adquiridas durante o período de 12 de agosto a 8 de novembro de 2024 durante o estágio obrigatório supervisionado sob orientação da Professora Dra. Marcy Lancia Pereira, sendo o estágio dividido em duas concedentes distintas, a primeira parte dentro do Setor de Fisiopatologia da Reprodução e Obstetrícia no Departamento de Reprodução Animal do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (FMVZ – UNESP) e a segunda parte no Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos do Departamento de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Universidade de São Paulo (FMVZ- USP).

Em ambas as concedentes, a carga horária semanal cumprida foi de 40 horas, com 8 horas/dia ao longo dos 5 dias úteis da semana, totalizando 480 horas, dessa forma adequando-se a carga horária mínima de 450 horas pelo currículo do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina.

O estágio realizado na FMVZ – UNESP teve início no dia 12 de agosto até o dia 20 de setembro de 2024, totalizando 240 horas, supervisionado pela Professora Dra. Fernanda Saules Ignácio. O segundo estágio dentro da concedente FMVZ – USP ocorreu entre os dias 30 de setembro e 8 de novembro de 2024, totalizando 240 horas, sob supervisão da Professora Dra. Claudia Barbosa Fernandes.

2 UNESP – HOSPITAL VETERINÁRIO

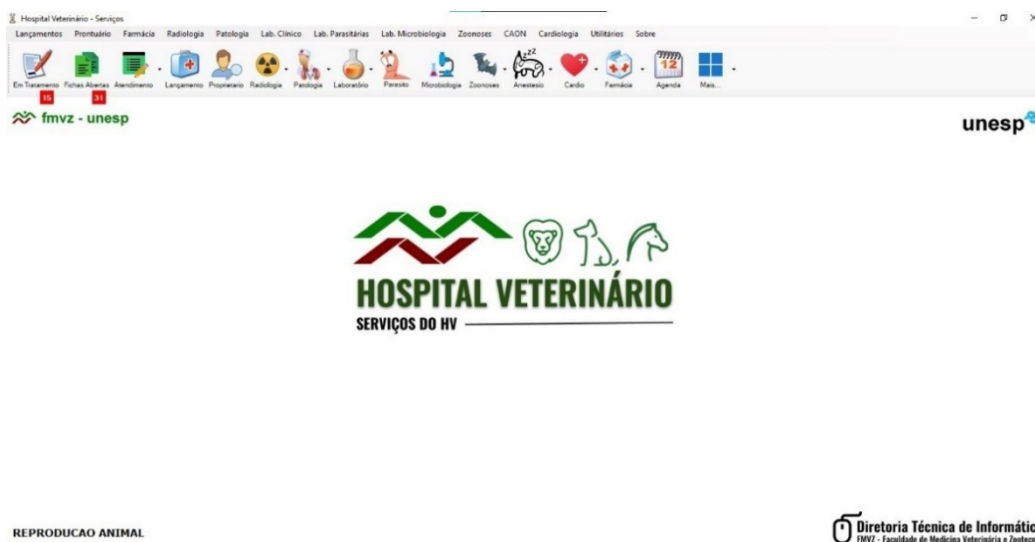
O Hospital Veterinário Universitário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (HV/ FMVZ) Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP) possui sede na cidade de Botucatu no estado de São Paulo, Distrito Rubião Júnior. O hospital funciona de segunda a sexta-feira, das 8 às 19h, além de operar sob regime de plantão nos finais de semana e feriados.

O hospital escola é organizado em setores com subáreas e especialidades específicas, com uma ampla variedade de serviços ofertados. Os sete setores são distribuídos em prédios separados, sendo: triagem e clínica médica de pequenos animais, clínica médica e cirúrgica de grandes animais, diagnóstico por imagem, clínica médica e cirúrgica de animais selvagens, moléstias infecciosas, clínica cirúrgica de pequenos animais e reprodução animal.

Até o momento, nenhuma dessas áreas oferece internação ou plantão noturno. Por isso, é obrigatória a presença de dois adultos durante todo o período em que o animal recebe atendimento e realiza procedimentos no hospital. A ausência dos tutores nesse contexto pode ser caracterizada como abandono de incapaz.

Dentro dessa subdivisão, existem os serviços de: Cirurgia Veterinária, Reprodução Animal, Anestesiologia Veterinária, Diagnóstico por Imagem, Clínica Veterinária, Medicina de Animais Selvagens, Laboratório Clínico, Produção Animal, Medicina Preventiva e entre outros, onde os pacientes são direcionados para o setor específico de acordo com suas necessidades. Para organização interna de prontuários, agendamentos e informações sobre os pacientes do hospital veterinário, é realizado um cadastro no sistema de registro integrado próprio da FMVZ-UNESP (Figura 1), onde cada animal cadastrado recebe um número de registro e ali ficam armazenados todos os dados e histórico clínico de cada paciente.

Figura 1. Sistema de registro do HOVET da FMVZ – UNESP



Fonte: Cedido por FMVZ-UNESP (2024)

REPRODUÇÃO ANIMAL

O setor de reprodução animal faz parte do Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária, onde ocorre o atendimento ambulatorial e cirúrgico da rotina de fisiopatologia da reprodução e obstetrícia em pequenos e grandes animais. A equipe de trabalho é formada por 6 residentes, 8 professores e eventuais estagiários, sendo os residentes e os estagiários divididos entre o atendimento de grandes animais, atendimento de pequenos animais e cirurgia de pequenos animais, realizando rodízio semanal entre as áreas, supervisionados por um docente.

As instalações do serviço de reprodução constam com três ambulatórios para atendimento clínico de cães e gatos, um ambulatório neonatal, um centro cirúrgico e obstétrico, dois laboratórios de biotecnologia da reprodução e ginecologia canina para execução de exames reprodutivos laboratoriais e pesquisas na áreas, além do centro de biotecnologia em reprodução animal (CERAN) e uma área reservada para o manejo de grandes animais, com troncos de contenção, sala de pequenos procedimentos, laboratório para conservação dos botijões de nitrogênio e manequins para realização da coleta de sêmen e avaliação andrológica. Para internação e alojamento dos animais de pesquisa da Reprodução Animal (em sua maioria equinos e pequenos ruminantes), a estrutura do hospital possui baias e piquetes organizados conforme necessidade e quantidade de animais, sendo usados para observação, monitoração e repouso pós-operatório.

Para o serviço de diagnóstico por imagem do sistema reprodutivo, o setor possui dois aparelhos de ultrassonografia, modelo MindRay e MyLabFive (Figura 2), utilizados respectivamente dentro da rotina clínica de grandes e pequenos animais.

Figura 2. Aparelhos de ultrassonografia utilizados na rotina da Reprodução Animal FMVZ – UNESP. (A) Aparelho MindRay para rotina de grandes animais. (B) Aparelho MyLabFive para rotina de pequenos animais.



Fonte: Autora (2024).

AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO DE PEQUENOS ANIMAIS

Os três ambulatórios de atendimento de pequenos animais (Figura 3) eram equipados com mesa e computador, bancada de aço inox, bancada com torneira e reagentes, armários de organização de insumos do hospital de acesso rápido para eventuais exames, coletas e aplicações de medicamento.

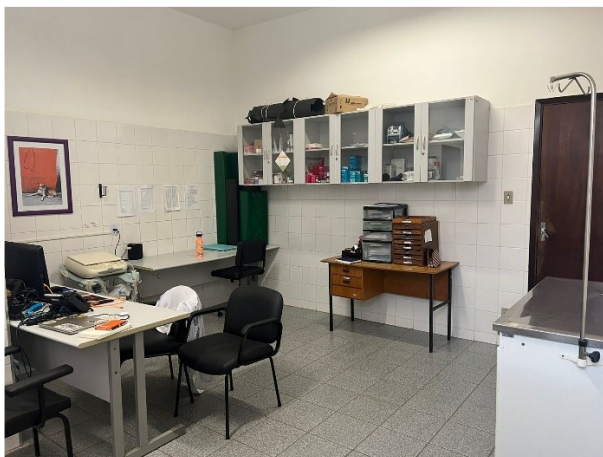
Figura 3. Entrada Principal: Ambulatório de pequenos animais da área de reprodução animal da FMVZ – UNESP.



Fonte: Autora (2024).

O Ambulatório 1 (Figura 4) também contava com um aparelho de ultrassom móvel, mesa e calhas de espuma para os exames de sistema reprodutivo de machos e fêmeas.

Figura 4. Ambulatório de pequenos animais da Reprodução Animal FMVZ- UNESP.



Fonte: Autora (2024).

A organização dos atendimentos era feita pelo sistema integrado do hospital veterinário, sendo realizadas consultas pré-cirúrgicas, ginecológicas, andrológicas, obstétricas, oncológicas e entre outras. A rotina permitia um fluxo de pacientes com horário marcado, porém com eventuais exceções em emergências que possuíam prioridade de atendimento.

O atendimento neonatal era realizado por uma equipe específica de pós-graduandos do setor de neonatologia da Universidade, a qual era convocada apenas sob demanda para atender no ambulatório neonatal (Figura 5). O atendimento e eventuais procedimentos necessários eram realizados no ambulatório neonatal, equipado com mesa em aço inox, armários com insumos necessários, duas incubadoras (Figura 6) e materiais específicos para o atendimento de recém nascidos e ninhadas, como tubo coletores micro, máscaras de oxigênio adaptadas, fitas de identificação, mamadeiras e peras de sucção.

Figura 5. Ambulatório neonatal da Reprodução Animal FMVZ – UNESP.



Fonte: Autora (2024).

Figura 6. Incubadora Pet Brooder 90 para aquecimento e atendimento de neonatos.



Fonte: Autora (2024).

CENTRO CIRÚRGICO E OBSTÉTRICO DE PEQUENOS ANIMAIS

O centro cirúrgico e obstétrico contava com uma sala de antissepsia e paramentação, onde ficavam armazenados os utensílios para a realização das

cirurgias, como caixa de instrumentos cirúrgicos, aventais, campos, além de uma bancada com cuba e torneira. Na área limpa do centro cirúrgico (Figura 7), o acesso era restrito, sendo permitido apenas com o uso de máscara, touca e calçado apropriado. O ambiente estava equipado com três mesas de aço inoxidável: duas destinadas ao armazenamento de materiais e instrumentos, e uma terceira fixa, com ajuste de altura, calha embutida e inclinação, projetada para acomodar o paciente durante o transoperatório. A sala também possuía armários para insumos utilizados pelos anestesiologistas, carrinho anestésico, foco cirúrgico regulável, calha móvel e um carrinho de apoio para o bisturi elétrico.

Figura 7. Centro Cirúrgico e Obstétrico da Reprodução Animal FMVZ – UNESP.



Fonte: Autora (2024)

Ao longo do corredor na saída da área limpa, o espaço é reservado para a sala de neonatologia e pediatria, seguido do ambulatório 3 para recepção dos animais que irão para o procedimento cirúrgico. A reanimação neonatal após procedimentos como a cesariana é feita no ambulatório neonatal, equipado com oxigênio, fármacos de emergência e insumos de eventual necessidade (sucedâneo do leite, balança, aquecedores e etc.).

AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO DE GRANDES ANIMAIS

A área externa do setor de Reprodução Animal (Figura 8) era destinada ao atendimento e à rotina com animais de grande porte. Essa área incluía dois troncos de contenção para equinos, um tronco de contenção para bovinos, armários para organização de materiais, uma bancada com pia, além de dois manequins de tamanhos distintos para coleta de sêmen em garanhões e suínos (Figura 9). O setor também contava com uma estrutura interna dedicada à avaliação andrológica laboratorial, composta por três laboratórios equipados com microscópios e outros materiais necessários para a manipulação, diluição, conservação do sêmen e realização de inseminações artificiais.

Figura 8. Ambulatório de grandes animais do setor de Reprodução Animal FMVZ-UNESP.



Fonte: Autora (2024).

Figura 9. Tronco de coleta de sêmen do setor de Reprodução Animal FMVZ-UNESP.



Fonte: Autora (2024).

Duas salas extras também compõem a estrutura do local, uma para conservação do sêmen e uma reservada para pequenos procedimentos e organização dos materiais de ultrassonografia de rotina (Figura 10). As baias e piquetes para internamento e/ou alojamento dos animais atendidos são compartilhadas com os setores de Clínica e Cirurgia de Grandes Animais do Hospital Veterinário.

Figura 10. Sala de procedimentos de grandes animais do setor de Reprodução Animal FMVZ- UNESP.



Fonte: Autora (2024).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No rodízio realizado no setor de Reprodução Animal, foram dedicadas duas semanas a cada segmento, abrangendo o Ambulatório de Pequenos Animais, o Centro Cirúrgico e Obstétrico de Pequenos Animais e o Ambulatório de Grandes Animais.

ATIVIDADES ACOMPANHADAS

Os procedimentos ambulatoriais listados na Tabela 1 correspondem à rotina de atendimentos realizados em pequenos animais, sendo registrados apenas aqueles acompanhados durante o período avaliado. Esses dados não refletem o número total de procedimentos ambulatoriais realizados pelo serviço no mesmo período, devido ao rodízio da equipe entre as três áreas do setor de Reprodução Animal da FMVZ - UNESP. Os procedimentos ambulatoriais elencados na Tabela 1 representam a rotina

de atendimentos com os pequenos animais, sendo relatados apenas os acompanhados durante o período, não refletindo no número real de procedimentos ambulatoriais do serviço na mesma época, por conta do rodízio da equipe entre as três áreas do setor de reprodução animal na FMVZ - UNESP. Em primeiro lugar, o procedimento mais acompanhado foi a ultrassonografia do trato reprodutivo feminino (27,7%), seguida da colheita de sangue (17,6%) e a reanimação neonatal (13,5%).

Tabela 1. Procedimentos ambulatoriais em pequenos animais FMVZ – UNESP.

Procedimentos ambulatoriais	Canina	Felina	Total
USS* do trato reprodutivo feminino	39	2	41 (27,70%)
Coleta de sangue	25	1	26 (17,57%)
Reanimação neonatal	20	0	20 (13,51%)
Aplicação de plasma subcutâneo	15	0	15 (10,14%)
Retirada de pontos	10	0	10 (6,76%)
Avaliação neonatal	7	0	7 (4,73%)
USS do trato reprodutivo masculino	7	0	7 (4,73%)
Palpação vaginal	5	0	5 (3,38%)
Citologia vaginal	5	0	5 (3,38%)
Sondagem neonatal	3	0	3 (2,03%)
Acompanhamento de parto vaginal	2	0	2 (1,35%)
Dosagem de progesterona	2	0	2 (1,35%)
Eutanásia	2	0	2 (1,35%)
Drenagem seroma	1	0	1 (0,68%)
Manobra obstétrica	1	0	1 (0,68%)
Transfusão sanguínea	1	0	1 (0,68%)
Total	145 (97,97%)	3 (2,03%)	148 (100%)

*USS = Ultrassonografia

Fonte: Autora (2024).

O exame ultrassonográfico é de extrema importância para a rotina com pequenos animais, especialmente para a Reprodução Animal e Obstetrícia Veterinária, permitindo a visualização do sistema reprodutor, para diagnóstico gestacional, confirmação de patologias uterinas e ovarianas e entre outras (Aires, 2021).

Para o diagnóstico e acompanhamento gestacional, a ultrassonografia reprodutiva permite um melhor monitoramento de desenvolvimento e viabilidade fetal, sendo possível a detecção de sacos gestacionais a partir do 20º dia após o pico do hormônio luteinizante (LH) e determinação da idade gestacional (IG) e os dias para o parto (DPP) por equações com até 3 dias de precisão, aferindo o diâmetro biparietal (DBP) (Alves, 2016).

Fórmulas gestacionais para cadelas, segundo Alves (2016):

$$IG = (15 \times DBP) + 20$$

$$DPP = 65 - IG$$

Para acompanhamento de parto vaginal, a equipe se organizava para manter a cadela em trabalho de parto em um ambiente tranquilo e limpo, observando a fêmea e marcando momentos de contrações e tempos de expulsão, prevenindo intercorrências.

A eutanásia, procedimento realizado duas vezes no setor, não constituía um procedimento rotineiro no serviço; contudo, em casos de neoplasias avançadas com metástases, era considerada como opção para aliviar o sofrimento animal. Nessas situações, o procedimento era realizado com sedação e analgesia, sob responsabilidade da equipe de anestesiologia.

Um dos casos de parto vaginal acompanhado era uma suspeita de distocia, sendo realizada a ultrassonografia ao receber o animal no serviço e visualizado todos os fetos viáveis e sem sofrimento. Mesmo sem grandes intervenções, apenas ao manusear a cadela já foi percebida a expulsão do primeiro filhote, sendo optado então pelo acompanhamento do parto para evitar o deslocamento do animal até sua residência. Todos os neonatos nasceram bem, não necessitando de manobras obstétricas para corrigir posições distócicas.

Entretanto, o outro parto vaginal acompanhado necessitou de intervenção cirúrgica, após manobras obstétricas (tração e lubrificação) não corrigirem a distocia da cadela e ser verificado sofrimento fetal pela ultrassonografia (batimento cardíaco fetal abaixo de 180 batimentos por minuto, observando por 3 minutos).

Por seqüência, na análise dos procedimentos cirúrgicos em pequenos animais acompanhados na FMVZ – UNESP, o mais frequente na Tabela 2 foi a ovariectomia (OH) terapêutica (31,4%), em seqüência da mastectomia unilateral (17,1%) e a ovariectomia eletiva (14,3%).

Tabela 2. Procedimentos cirúrgicos em pequenos animais FMVZ UNESP.

Procedimentos cirúrgicos	Canina	Felina	Total
OH terapêutica	10	1	11 (31,43%)
Mastectomia unilateral	6	0	6 (17,14%)
OH eletiva	2	3	5 (14,29%)
Cesariana	4	0	4 (11,43%)
Nodulectomia prepucial	2	0	2 (5,71%)
Criptorquidectomia	1	0	1 (2,86%)
Episiotomia	1	0	1 (2,86%)
Esplenectomia	1	0	1 (2,86%)
Nodulectomia vulvar	1	0	1 (2,86%)
Orquiectomia eletiva	1	0	1 (2,86%)
Orquiectomia terapêutica	1	0	1 (2,86%)
Vulvoplastia	1	0	1 (2,86%)
Total	31 (88,57%)	4 (11,43%)	35 (100%)

Fonte: Autora (2024).

Na rotina, a OH terapêutica e a cesariana foram cirurgias de emergência, devido a quadros infecciosos como piometra ou metrite, além de quadros de distocia.

A vulvoplastia realizada foi necessária devido a uma neoplasia vulvar a esclarecer, fazendo uma nodulectomia com margem para evitar resquícios de células tumorais e recidivas, assim como a nodulectomia prepucial.

Em grandes animais, na mesma concedente, os procedimentos acompanhados também foram descritos em duas tabelas, divididos entre ambulatoriais e cirúrgicos. Dentro dos procedimentos ambulatoriais, o mais frequente foi o manejo de feridas (31,71%), principalmente lesões em mama ou feridas cirúrgicas, seguido da ultrassonografia do trato reprodutivo feminino (26,83%) e o manejo de mastite (9,76%), de acordo com a Tabela 3.

Tabela 3. Procedimentos ambulatoriais em grandes animais FMVZ - UNESP.

Procedimentos ambulatoriais	Equina	Bovina	Pequenos ruminantes	Total
Manejo de feridas	22	4	13	39 (31,71%)

USS do trato reprodutivo feminino	32	0	1	33 (26,83%)
Manejo de mastite	0	0	12	12 (9,76%)
Coleta de sangue	10	0	0	10 (8,13%)
Coleta de sêmen	10	0	0	10 (8,13%)
Lavagem uterina	7	0	0	7 (5,69%)
Diagnóstico gestacional	4	2	0	6 (4,88%)
Inseminação artificial	3	2	0	5 (4,07%)
Infusão uterina	0	0	1	1 (0,81%)
Total	88 (71,54%)	8 (6,50%)	27 (30,68%)	123 (100%)

Fonte: Autora (2024).

As éguas utilizadas em pesquisas no setor de Reprodução Animal eram submetidas a uma rotina de manejo que incluía acompanhamento folicular, inseminação artificial, diagnóstico gestacional e coleta de embriões. As inseminações eram realizadas com sêmen fresco ou congelado, coletado de garanhões também pertencentes à Universidade, atendendo tanto às demandas de pesquisa quanto à rotina acadêmica. Eventualmente, a ocorrência de infecções uterinas exigia intervenções específicas, ajustando o manejo das éguas para o tratamento dessas afecções.

Pelo alto valor reprodutivo de alguns garanhões e sua importância no centro de pesquisa, era imprescindível a avaliação do conteúdo ejaculado durante as coletas de sêmen como forma de prevenir afecções, diagnosticando precocemente distúrbios reprodutivos.

Os pequenos ruminantes, animais de pesquisa da Universidade ou de proprietários externos, eram atendidos no setor principalmente para manejo de feridas e mastite, sendo realizados protocolos para tratamento com antibioticoterapia, drenagem de secreções purulentas, compressas quentes ou frias, administração de medicamentos e mastectomias radicais quando não havia mais alternativas clínicas.

Os bovinos, espécie menos frequente durante o período acompanhado, eram trazidos pelos proprietários com queixas reprodutivas, como a acrobustite em touros, ou para diagnóstico gestacional nas fêmeas, por meio de ultrassonografia transretal.

O acompanhamento folicular pela ultrassonografia reprodutiva da égua é essencial para a manipulação do ciclo estral dessa espécie, permitindo a aplicação de

biotecnologias reprodutivas, como transferência de embriões e protocolos de indução da ovulação. Monitorando o desenvolvimento de folículos, é possível prever a data de ovulação do animal, maximizando a eficiência do manejo reprodutivo e controlando a saúde reprodutiva individualmente dentro de um grupo de animais (Gurgel, 2006).

As éguas são monovulatórias poliéstricas estacionais de dias longos, apresentam ondas foliculares com fases de recrutamento, seleção, dominância, ovulação e atresia, sendo selecionado apenas um folículo dominante em detrimento dos demais, o qual é estimulado o crescimento até secretar estrógeno o suficiente para o estímulo ovulatório do animal (Gurgel, 2006).

Entre os procedimentos cirúrgicos em grandes animais elencados na Tabela 4, foram acompanhados quatro procedimentos, sendo eles a mastectomia radical, ovariectomia, postoplastia e a vulvoplastia.

Tabela 4. Procedimentos cirúrgicos em grandes animais FMVZ - UNESP.

Procedimentos cirúrgicos	Equina	Bovina	Caprina	Total
Mastectomia radical	0	0	1	1 (25%)
Ovariectomia	1	0	0	1 (25%)
Postoplastia	0	1	0	1 (25%)
Vulvoplastia	1	0	0	1 (25%)
Total	2 (50%)	1 (25%)	1 (25%)	4 (100%)

Fonte: Autora (2024).

Os procedimentos cirúrgicos em grandes animais foram todos agendados, dois deles sendo realizados durante aulas práticas (ovariectomia e vulvoplastia em éguas), permitindo que estudantes da graduação ou residentes acompanhassem o procedimento de forma ativa, auxiliando na cirurgia ou instrumentando.

3 CASUÍSTICA FMVZ UNESP

Para a discussão da casuística da FMVZ - UNESP, as informações serão organizadas em tabelas a fim de agrupar informações e apresentar dados simultâneos referente aos casos atendidos na primeira concedente.

ESPÉCIE E SEXO

Conforme a Tabela 5, foram atendidos 118 animais durante o período de estágio na Reprodução Animal da FMVZ - UNESP, 87 (73,7%) destes sendo da espécie canina. Em segundo lugar, foram atendidos 14 (11,9%) equinos, em sua maioria animais de pesquisa da Universidade que faziam parte da rotina de atendimento de grandes animais.

A maior prevalência dentro dos sexos foi de fêmeas, totalizando 86 (72,9%) animais, demonstrando uma maioria significativa, tanto pela maior procura por parte dos tutores, como também por conta de a rotina na reprodução animal ser mais intensa com as fêmeas, em busca de diagnósticos gestacionais, acompanhamento foliculares, inseminações e tumores de mama, os quais serão relacionados posteriormente.

Tabela 5. Relação de animais atendidos na FMVZ - UNESP separados por espécie e sexo.

Espécie	Fêmea	Macho	Total
Canina	63	24	87 (73,73%)
Equina	8	6	14 (11,86%)
Felina	5	0	5 (4,24%)
Caprina	4	0	4 (3,39%)
Bovina	2	1	3 (2,54%)
Ovina	3	0	3 (2,54%)
Asinina	0	1	1 (0,85%)
Suína	1	0	1 (0,85%)
Total	86 (72,88%)	32 (27,12%)	118 (100%)

Fonte: Autora (2024).

RAÇAS E SEXO

Entre as raças elencadas na Tabela 6, os animais classificados como sem raça definida (SRD) apresentaram a maioria entre as espécies, totalizando 42 animais (36,3%), seguidos pelo American Bully (11,8%) e o Pitbull (11%). Analisando a espécie

equina, a raça Quarto de Milha foi a mais prevalente (50%), porém apenas 5,9% entre todas as espécies.

Tabela 6. Relação de raças atendidas na FMVZ - UNESP.

Espécie/Raça	Fêmea	Macho	Total
Canina	63	24	87 (73,73%)
SRD	20	5	25 (21,19%)
American Bully	9	5	14 (11,86%)
Pitbull	7	6	13 (11,02%)
Pinscher	6	1	7 (5,93%)
Shih Tzu	3	4	7 (5,93%)
Bulldogue Francês	4	1	5 (4,24%)
Lhasa Apso	3	0	3 (2,54%)
Border Collie	2	0	2 (1,69%)
Labrador	2	0	2 (1,69%)
Pug	1	1	2 (1,69%)
Rotweiler	2	0	2 (1,69%)
Bernesse	1	0	1 (0,85%)
Pastor Alemão	1	0	1 (0,85%)
Poodle	1	0	1 (0,85%)
Teckel	0	1	1 (0,85%)
Weimaraner	1	0	1 (0,85%)
Equina	8	6	14 (11,86%)
Quarto de milha	4	3	7 (5,93%)
SRD	4	0	4 (3,39%)
Crioulo	0	1	1 (0,85%)
Hanoveriano	0	1	1 (0,85%)
Mangalarga paulista	0	1	1 (0,85%)
Felina	5	0	5 (4,24%)
SRD	5	0	5 (4,24%)
Caprina	4	0	4 (3,39%)
SRD	4	0	4 (3,39%)

Bovina	2	1	3 (2,54%)
<i>Bos Taurus</i>	2	0	2 (1,69%)
Nelore	0	1	1 (0,85%)
Ovina	3	0	3 (2,54%)
SRD	3	0	3 (2,54%)
Asinina	0	1	1 (0,85%)
SRD	0	1	1 (0,85%)
Suína	1	0	1 (0,85%)
Large White	1	0	1 (0,85%)
Total	86 (72,88%)	32 (27,12%)	118 (100%)

Fonte: Autora (2024).

FASES DE VIDA

Avaliando as faixas etárias dos animais atendidos, apenas os caninos serão representados em tabelas, visto que apenas foram atendidos 5 felinos, 4 destes sendo filhotes (até 1 ano) e 1 sendo sênior (mais de 10 anos) de acordo com classificação de fases de vida descrita Quimby (2021). Paralelamente, a maioria dos animais de outras espécies atendidos carecia de registros ou informações no histórico que permitissem determinar com precisão sua idade, sendo classificados predominantemente como adultos. Durante o período de estágio, não houve atendimento a neonatos de outras espécies, com exceção de dois filhotes da espécie ovina.

Na classificação de idade canina, baseada em Peterson (2011) e Creevy (2019), na Tabela 7, a faixa etária mais atendida foi composta por adultos (35,6%), seguidos de neonatos (32,2%), sendo os filhotes os menos prevalentes (1,1%) no serviço de reprodução animal. A maior incidência de adultos no serviço de reprodução se traduz pela fase de vida reprodutiva que se encontravam, susceptibilidade a infecções durante os ciclos estrais e a presença de neoplasias relacionadas à hormônios reprodutivos. O número expressivo de animais sênior (23%) é, em sua maioria, de animais não castrados, ainda permitindo essas interações hormonais que podem levar às neoformações em mamas encontradas.

Após cesariana, os neonatos (32,2% dos casos) passam por procedimentos de reanimação neonatal e outros cuidados nos primeiros momentos da vida, como consultas ou atendimentos de emergência por erros de manejo ou processos infecciosos.

Tabela 7. Faixa etária dos cães atendidos na FMVZ - UNESP.

Fases de vida	Número de Cães	Total (%)
Neonato (até 14 dias)	28	32,18%
Filhote (até 6 meses)	1	1,15%
Jovem adulto (7 meses - 2 anos)	7	8,05%
Adulto (3 - 10 anos)	31	35,63%
Sênior (acima de 10 anos)	20	22,99%
Total	87 (87%)	100%

Fonte: Autora (2024).

AFECCÕES

A casuística do serviço de Reprodução Animal da FMVZ – UNESP foi elencada de acordo com os sistemas acometidos, conforme demonstra a Tabela 8. A maioria dos atendimentos foram com afecções do sistema reprodutivo feminino (61,1%), seguido do sistema reprodutivo masculino (18,1%).

Tabela 8. Casuística separada em sistemas dos animais atendidos da FMVZ - UNESP.

Sistemas	Canino	Felino	Equino	Caprino	Bovino	Ovino	Total
Reprodutivo feminino	34	2	2	4	0	2	44 (61,11%)
Reprodutivo masculino	9	0	3	0	1	0	13 (18,06%)
Infeccioso e parasitário	10	0	0	1	0	0	11 (15,28%)
Tegumentar	2	0	1	0	0	0	3 (4,16%)
Musculoesquelético	1	0	0	0	0	0	1 (1,39%)
Total	56 (77,78%)	2 (2,78%)	6 (8,33%)	5 (6,94%)	1 (1,39%)	2 (2,78%)	72 (100%)

Fonte: Autora (2024).

SISTEMA REPRODUTIVO FEMININO

Analisando a Tabela 9, é possível perceber a prevalência de afecções mamárias na casuística de afecções de sistema reprodutivo feminino (53,06% dos casos), em sua maioria tumores de mama (40,82%), sendo a neoplasia mais frequente em cadelas e a terceira mais frequente em gatas na clínica médica veterinária (Cassali, 2020). Para estadiamento tumoral e determinação do protocolo terapêutico, dentro da instituição eram realizados exames complementares, como a radiografia torácica para pesquisa de metástases, citologia de nódulos e eventualmente ultrassonografia.

O protocolo no setor para animais aptos a um procedimento cirúrgico de mastectomia era também o encaminhamento para eletrocardiograma e consulta cardiológica previamente à cirurgia, caso o médico veterinário responsável pelo animal julgasse necessário. Para diagnóstico final desses tumores, o tecido mamário retirado era enviado para exames histopatológicos, por conta do tempo para os laudos se tornarem disponíveis, não foi possível elencar no presente relatório os tipos de tumores mais frequentes entre esses casos atendidos.

Tabela 9. Casuística de afecções de sistema reprodutivo feminino acompanhadas na FMVZ – UNESP.

Afecção reprodutiva	Canina	Equina	Felina	Pequenos ruminantes	Total
Afecções mamárias	20	0	1	5	26 (53,06%)
Tumor de mama ¹	19	0	1	0	20 (40,82%)
Mastite	1	0	0	5	6 (12,24%)
Afecções uterinas	7	1	1	1	10 (20,41%)
Piometra	4	0	0	0	4 (8,16%)
Hidrometra	0	0	1	0	1 (2,04%)
Metrite puerperal	1	0	0	0	1 (2,04%)
Endometrite crônica	0	1	0	0	1 (2,04%)
Afecção uterina ¹	2	0	0	1	2 (4,08%)
Afecções vaginais	5	0	0	0	5 (10,20%)
Vaginite	2	0	0	0	2 (4,08%)

Prolapso vaginal	1	0	0	0	1 (2,04%)
TVT	1	0	0	0	1 (2,04%)
Neoplasia vaginal ¹	1	0	0	0	1 (2,04%)
Afecções vulvares	1	1	0	0	2 (4,08%)
Neoplasia vulvar ¹	1	0	0	0	1 (2,04%)
Má conformação perineal	0	1	0	0	1 (2,04%)
Outras	6	0	0	0	6 (12,24%)
Distocia	2	0	0	0	2 (4,08%)
Abortamento	2	0	0	0	2 (4,08%)
Pseudociese	2	0	0	0	2 (4,08%)
Total	39 (79,59%)	2 (4,08 %)	2 (4,08%)	6 (12,24%)	49 (100%)

¹A esclarecer

Fonte: Autora (2024).

O estadiamento clínico dos tumores de mama em cadelas envolve um histórico clínico detalhado e exame físico completo, uma vez que neoplasias podem se manifestar nas cadeias mamárias, na forma de nódulos únicos ou múltiplos de diferentes tamanhos. Atualmente, o sistema TNM (Classificação de Tumores Malignos) traduz em pontuações o estadiamento tumoral baseado em: tamanho do tumor, acometimento de linfonodos regionais e metástases distantes, sendo então definido o estágio de I a V (Cassali, 2020).

A pontuação do sistema classifica T₁ como tumores primários com menos de 3 cm de diâmetro, T₂ tumores de 3 a 5 cm e T₃ tumores maiores que 5 cm, N₀ ou N₁ contabilizando acometimento de linfonodos regionais e M₀ ou M₁ sinalizando metástases distantes. Pacientes com N₁ (linfonodo regional acometido) automaticamente são do estágio IV, e pontuando M₁ (metástases distantes presentes), independentemente do tamanho do nódulo, já são considerados como estágio V (Cassali, 2020).

Diferentemente das cadelas, o prognóstico de tumores de mama em gatas é geralmente desfavorável. Em 80% dos casos, estes são malignos e biologicamente agressivos, altamente metastáticos e de crescimento rápido (Mills, 2015; Cassali, 2020). Para o estadiamento, avaliam-se também os três pontos do sistema TNM, porém com a pontuação adaptada para a espécie, sendo o T₁ para tumores primários com menos de 2 cm de diâmetro, T₂ para tumores de 2 a 3 cm e T₃ para tumores maiores que 3 cm (Cassali, 2020).

Diante disso, o tumor de mama na gata em acompanhamento apresentava metástase (estágio V), confirmada por radiografia torácica, com acometimento sistêmico e

efusão pleural. Diante deste quadro, optou-se pela eutanásia, conforme decisão dos tutores.

Dentre as infecções uterinas na Tabela 5, a mais frequente foi a piometra (8,16%), uma patologia reprodutiva que afeta principalmente cadelas, em fase de diestro. Essa condição causa acúmulo de exsudato e pode desencadear alterações sistêmicas, como a septicemia bacteriana. O principal agente etiológico é *Escherichia coli*, além de outras bactérias da microbiota vaginal (Paudel, 2023). No atendimento do serviço de reprodução, animais com suspeita de piometra eram considerados casos emergenciais, e, quando confirmada a afecção por ultrassonografia, era instituído tratamento clínico-cirúrgico por meio de ovariectomia terapêutica e antibioticoterapia sistêmica.

A piometra possui duas apresentações clínicas: cérvix aberta e fechada, que afetam diretamente os sinais clínicos dessa afecção, tal como a secreção vaginal (cérvix aberta), desidratação, azotemia, abaulamento abdominal, hipertermia, prostração, poliúria, polidipsia e entre outros (Hagman, 2012).

Os fatores de risco para a piometra incluem a administração de hormônios, como compostos estrogênicos ou progestágenos. O tratamento mais seguro e eficaz é a ovariectomia, que remove o foco infeccioso e previne recidivas. Entretanto, em casos em que se deseja preservar a fertilidade do animal, podem ser utilizados tratamentos clínicos, que combinam terapia sintomática com medicamentos que bloqueiam a ação da progesterona ou induzem luteólise. Entre os fármacos empregados estão prostaglandinas, aglepristone e a combinação de cabergolina com cloprostenol. Esses protocolos são indicados exclusivamente para piometras de cérvix aberta em animais com alto valor reprodutivo, o uso de aglepristone representando o manejo clínico de eleição (Saurabh, 2020).

O caso de má conformação perineal em égua apresentava complicações para o manejo reprodutivo do animal, encaminhada para o setor para resolução dessa alteração anatômica que permitia infecções recorrentes em trato reprodutivo. A cirurgia de correção para este animal foi a vulvoplastia, reduzindo o tamanho dos lábios vulvares da égua, que recebeu alta do setor após período de curativo diário e repouso na baia.

SISTEMA REPRODUTIVO MASCULINO

Nos atendimentos com animais para avaliação de sistema reprodutivo masculino, a espécie canina foi a mais frequente (69,2%), tendo como afecção mais

recorrente a neoplasia prepucial (30,8%), seguida da prostatite (15,4%), como ilustra a Tabela 10.

Tabela 10. Casuística de afecções de sistema reprodutivo masculino acompanhadas na FMVZ – UNESP.

Afecção	Canina	Equina	Bovina	Total
Neoplasia prepucial	4	0	0	4 (30,77%)
Prostatite	2	0	0	2 (15,38%)
Acrobustite	0	0	1	1 (7,69%)
Criptorquidismo inguinal	1	0	0	1 (7,69%)
Distúrbio ejaculatório	0	1	0	1 (7,69%)
Epididimite	1	0	0	1 (7,69%)
Habronemose	0	1	0	1 (7,69%)
Lesão escrotal ¹	1	0	0	1 (7,69%)
Vesiculite	0	1	0	1 (7,69%)
Total	9 (69,21%)	3 (23,07%)	1 (7,69%)	13 (100%)

¹A esclarecer

Fonte: Autora (2024).

Durante a rotina de atendimentos, cães e gatos com suspeita dessas afecções passavam por exames físicos gerais e específicos minuciosos em busca de acometimento de linfonodos e outros sistemas, exames de sangue, citologia de lesões e ultrassonografia para avaliar o sistema reprodutivo em busca de alterações, como hiperplasia prostática e testículos intracavitários.

Na rotina com grandes animais, a exposição peniana e a colheita de sêmen permitiam a avaliação específica nos casos como distúrbios ejaculatórios, vesiculites, habronemose e acrobustite. Por meio dessas ferramentas de exame clínico, foi permitido diferenciar uma hemospermia apresentada por um garanhão e visualizada em avaliação laboratorial, confirmando lesão inflamatória em vesícula seminal.

As neoplasias prepuciais em cães mais comuns incluem o tumor venéreo transmissível (TVT), mastocitoma e carcinoma de células escamosas, além de tumores cutâneos que ocasionalmente infiltram no prepúcio. Os sinais clínicos comumente observados incluem disúria, hematúria ou estrangúria (Fox, 2010). O diagnóstico envolve a associação do histórico do animal com exames complementares como a citologia,

histopatologia e imunohistoquímica, concomitantemente com a busca por metástases para definir com segurança a abordagem e o prognóstico do paciente (De Nardi, 2022).

O TVT é a neoplasia mais comum em pênis e prepúcio de cães, sendo endêmico de regiões tropicais e áreas com maior densidade populacional de animais em situação de rua. Sua transmissão ocorre pelo contato de mucosas, com neoformações em forma de “couve-flor” e friáveis que sangram facilmente, podem ser confundidas com lesões de papiloma vírus (Fox, 2010). O tratamento cirúrgico desse tumor não é indicado pela alta recidiva, natureza metastática e de fácil implantação, sendo a quimioterapia citotóxica com sulfato de vincristina a terapia de eleição (Simermann, 2009).

Já o mastocitoma deve ser removido cirurgicamente, caso o quadro clínico do paciente permita tal abordagem, respeitando a anatomia genital do cão para evitar lesionar a região peniana com a hemostasia de vasos que realizam a irrigação do órgão, concomitantemente permitindo margens cirúrgicas proporcionais ao tumor, com limite máximo de 4 cm para evitar células tumorais residuais, assim como pode ser associada a linfadenectomia do linfonodo regional. A eletroquimioterapia com bleomicina e cisplatina é o tratamento de eleição para associar com a excisão cirúrgica do nódulo, assim como a radioterapia, o tigilanol tiglate, inibidores da tirosina quinase ou a quimioterapia sistêmica, todas essas sendo opções clínicas de terapias adjuvantes no tratamento do tumor ou tratamento paliativo (de Nardi, 2022).

OUTROS SISTEMAS

É essencial no atendimento de especialidades, como a reprodução animal, que o animal seja avaliado de forma integral, buscando também afecções sistêmicas ou específicas de outros sistemas que possam estar afetando a vida reprodutiva do animal ou até complementando alguma patologia reprodutiva existente, sendo algo secundário a ela ou a causa inicial de uma imunossupressão.

Além disso, durante o atendimento de ninhadas pós cesarianas, um ponto de alerta são as infecções oportunistas que ocorrem em animais com sistema imune ainda pouco desenvolvido, reduzindo a taxa de sobrevivência da ninhada e aumentando a taxa de mortalidade em canis (Münnich, 2014; Pereira, 2022).

Diante disso, a Tabela 11 ilustra as afecções de outros sistemas que foram observadas no período acompanhado na FMVZ- UNESP, sendo a sepse neonatal a mais frequente (46,7%), seguida das hemoparasitoses (20%).

Tabela 11. Casuística de afecções de outros sistemas acompanhadas na FMVZ – UNESP.

Afecção	Canina	Equina	Total
Infecciosa ou parasitária	11	0	11 (73,33%)
Sepse neonatal	7	0	7 (46,67%)
Hemoparasitose	3	0	3 (20,00%)
Sepse	1	0	1 (6,67%)
Tegumentar	2	1	3 (20,00%)
Seroma	2	1	2 (13,33%)
Musculoesquelética	1	0	1 (6,67%)
Hérnia perineal	1	0	1 (6,67%)
Total	14 (93,33%)	1 (6,67%)	15 (100%)

Fonte: Autora (2024).

A sepse neonatal é uma afecção multifatorial e emergencial no atendimento de neonatos em pequenos animais, em sua maioria consequente de erros de manejo e infecções oportunistas, suas manifestações clínicas sendo inespecíficas frequentemente, incluindo a diarreia, perda de peso e tríade neonatal (hipotermia, hipoglicemia e desidratação), dificultando o diagnóstico quando não apresentam sinais clássicos, como hiperemia corporal, onfalite, hematomas, cianose ou necrose das extremidades (Pereira, 2022).

Em consequência da imaturidade do sistema imunológico do neonato, a sepse evolui de forma aguda e apresenta alta mortalidade em ninhadas, com os principais exames complementares sendo o hemograma e a cultura e antibiograma do sangue, necessitando de um tratamento suporte rápido e efetivo, corrigindo a desidratação com fluidoterapia, alimentação com sucedâneos (via sonda caso não haja reflexo de sucção), oxigenioterapia e antibioticoterapia, este último sendo ideal o uso de um fármaco de amplo espectro como a ampicilina, sendo possível fazer alteração do tratamento posteriormente ao resultado do antibiograma (Münnich, 2014).

4 USP – HOSPITAL VETERINÁRIO

O Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ – USP) (Figura 11) possui sede na cidade de São

Paulo, na Av. Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, Bairro Cidade Universitária. O serviço é público e gratuito e atende de segunda a sexta-feira, funcionando com distribuição de senhas a partir das 7h, sendo realizada a triagem das 7 às 10h. Além disso, este atende consultas e procedimentos particulares, por meio de agendamento ou triagem, das 8 às 17h.

Figura 11. Fachada do Hospital Veterinário da FMVZ – USP.



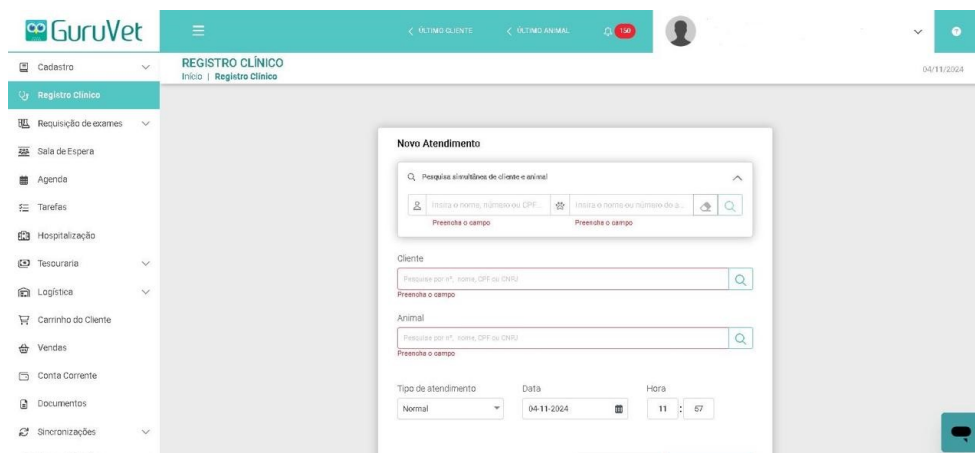
Fonte: Autora (2024).

Tendo como objetivo o atendimento de casos de interesse didático e científico, o hospital possui diversos serviços especializados para atendimento de animais de companhia e produção, como os serviços de: Anestesiologia, Cardiologia, Cirurgia, Clínica Médica, Dermatologia, Diagnóstico por Imagem, Inseminação Artificial e Reprodução Animal, Obstetrícia e Ginecologia, entre outros.

Os serviços veterinários dispõem de 5 vagas para internamento para todo o hospital, as quais são organizadas conforme o estado crítico dos animais. Para atendimento diurno, os animais apenas podem permanecer nas dependências acompanhados de tutores e/ou responsáveis.

O sistema de agendamentos, orçamentos, receitas e prontuários é unificado no *software* de gestão veterinária GuruVet (Figura 12), onde cada animal cadastrado recebe um número de registro, sendo organizados entre serviço particular (HOVET) e serviço público pelo cadastro da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

Figura 12. Sistema de gestão e registro GuruVet utilizado no HOVET da FMVZ - USP.



Fonte: Cedido por FMVZ – USP (2024).

OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA VETERINÁRIA DE CÃES E GATOS

O serviço de obstetrícia e ginecologia veterinária de cães e gatos faz parte do departamento de reprodução animal, o qual realiza o atendimento clínico e cirúrgico de pequenos animais. A equipe consiste em uma professora chefe de departamento, 2 médicos veterinários contratados, 1 pós-graduando da obstetrícia, 1 enfermeira veterinária, 1 pós-graduando de rodízio do serviço de Inseminação artificial e Reprodução Animal, 1 residente de rodízio do programa de residência do hospital veterinário, além de eventuais estagiários.

As instalações contam com 2 centros cirúrgicos obstétricos, 1 sala de recuperação anestésica, 1 sala de preparação cirúrgica, 1 sala de paramentação, 1 sala de fluidoterapia, 1 laboratório e 3 ambulatórios de atendimento de pequenos animais.

Os três ambulatórios de atendimento de pequenos animais (Figura 13) possuíam mesa e computador, bancada de aço inox, bancada com torneira e almotolias, armários com insumos necessários e fármacos de uso frequente.

Figura 13. Ambulatório do Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos da FMVZ - USP.



Fonte: Autora (2024).

A organização dos atendimentos era feita pela agenda do serviço de ginecologia e obstetrícia, sendo realizadas consultas pré-cirúrgicas, ginecológicas, obstétricas, entre outras. Atendimentos emergenciais eram encaminhados pela triagem do hospital, assim como casos novos, com limite de 3 casos novos não urgentes por dia.

O centro cirúrgico contava com a sala de paramentação e antissepsia, 2 blocos cirúrgicos, área de preparação do paciente e sala de recuperação cirúrgica. Com acesso restrito, os blocos cirúrgicos (Figura 14) eram equipados com foco cirúrgico, mesa com calha embutida de aço inox, carrinho anestésico, armário e bancada para organização de insumos hospitalares. Apesar de apenas um atender a rotina diária de cirurgias e o segundo ser mais utilizado em questões emergenciais e nos momentos em que a reanimação neonatal é necessária (cesarianas em sua maioria), sendo equipado com berço aquecido, tapetes térmicos, sugadores e equipamentos para emergências neonatais.

Figura 14. Bloco cirúrgico do Serviço de Obstetrícia e Ginecologia de Cães e Gatos da FMVZ - USP.



Fonte: Autora (2024).

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A rotina do estágio em Ginecologia e Obstetrícia de Cães e Gatos possibilitou o acompanhamento de atendimentos clínicos e cirúrgicos, abrangendo casos ginecológicos, obstétricos e outras ocorrências em pequenos animais dentro do período na instituição.

ATIVIDADES ACOMPANHADAS

Entre os procedimentos ambulatoriais organizados na Tabela 12, o mais frequente foi o acesso venoso (18,3%), seguida da retirada de pontos (17,8%) e a reanimação neonatal (17,3%).

Tabela 12. Procedimentos ambulatoriais acompanhados na FMVZ - USP.

Procedimentos ambulatoriais	Canina	Felina	Total
Acesso venoso	30	10	40 (18,26%)
Retirada de pontos	31	8	39 (17,81%)
Reanimação neonatal	37	1	38 (17,35%)
Coleta de sangue	25	8	33 (15,07%)
Curativo	15	4	19 (8,67%)
Diagnóstico gestacional	8	5	13 (5,94%)
Acompanhamento gestacional	5	2	7 (3,2%)
Fluidoterapia	7	0	7 (3,2%)
Drenagem de seroma	5	0	5 (2,28%)
Eutanásia	2	2	4 (1,83%)
Coleta de urina	3	0	3 (1,37%)
Palpação vaginal	3	0	3 (1,37%)
Citologia vaginal	3	0	3 (1,37%)
Coleta de sangue para dosagem hormonal	2	0	2 (0,91%)
Acompanhamento de parto eutócico	1	0	1 (0,46%)
Infusão de cálcio por via intravenosa	1	0	1 (0,46%)
Transfusão sanguínea	1	0	1 (0,46%)
Total	179 (81,74%)	40 (18,26%)	219 (100%)

Fonte: Autora (2024).

A infusão de cálcio por via intravenosa foi instituída para corrigir uma tetania puerperal (hipocalcemia) de forma emergencial no setor, sendo realizados exames de triagem como dosagem de cálcio, hemograma, bioquímico (função renal e hepática) e hemogasometria, acompanhando a administração com eletrocardiograma. O protocolo para casos como este no serviço de obstetrícia era o desmame precoce da ninhada para evitar recidivas e antiprolactínicos após estabilizar a cadela com a reposição de cálcio, assim como é descrito por Prestes (2015).

Como parte da rotina de pós-operatório de mastectomia, os animais retornavam ao setor para a realização da troca do curativo, avaliação da cicatrização e necessidade de intervenções diferentes se necessário, como a drenagem de seroma. A retirada de pontos era realizada de forma alternada, em duas etapas para reduzir trauma e tensão na pele.

Conforme ilustrado na Tabela 13, entre os procedimentos cirúrgicos acompanhados, a mastectomia unilateral foi a mais frequente (18,8%), seguida de perto pelas ovariectomias eletivas (17,4%) e pelas orquiectomias eletivas (15,9%).

As cesarianas representaram 11,6% dos procedimentos e eram realizadas, em sua maioria, de forma programada em cadelas, como parte de projetos de pesquisa. Esses animais eram admitidos na instituição alguns dias antes do parto para acompanhamento ultrassonográfico e monitoramento dos níveis de progesterona, sendo encaminhados ao procedimento no momento adequado, indicado pela queda do hormônio, garantindo a maturação fetal.

Por exigência dos projetos, as cadelas não podiam apresentar dilatação cervical no momento da cirurgia, motivo pelo qual eram monitoradas diariamente. Já as cesarianas não programadas, realizadas em caráter emergencial, eram priorizadas na rotina clínica, desempenhando papel importante para assegurar um prognóstico favorável em casos de distocia.

Tabela 13. Procedimentos cirúrgicos acompanhados na FMVZ - USP.

Procedimentos cirúrgicos	Canina	Felina	Total
Mastectomia unilateral	9	4	13 (18,84%)
OH eletiva	11	1	12 (17,39%)
Orquiectomia eletiva	6	5	11 (15,94%)
Ovariectomia eletiva	4	7	11 (15,94%)
Cesariana	7	1	8 (11,59%)
OH terapêutica	6	2	8 (11,59%)
Mastectomia regional	2	0	2 (2,9%)
Colpoplastia parcial	1	0	1 (1,45%)
Perineoplastia	1	0	1 (1,45%)
Queiloplastia	1	0	1 (1,45%)
Vulvoplastia	1	0	1 (1,45%)
Total	49 (71,01%)	20 (28,99%)	69 (100%)

Fonte: Autora (2024).

A castração de cães e gatos é o procedimento cirúrgico mais realizado em pequenos animais no mundo, como demonstra o estudo de Greenfield (2004), sendo possíveis diversas técnicas para sua realização, as quais podem ou não incluir a gonadectomia. Entretanto a retirada das gônadas acarreta a perda irreversível dos

hormônios reprodutivos em cães e gatos, coincidindo com a falta de controle hormonal no *feedback* negativo de hormônios do crescimento (Romagnoli, 2024).

Para o controle populacional, as castrações ainda são extremamente valiosas, porém, existe já a discussão sobre a necessidade de realizar a gonadectomia em um animal hígido e com proprietário ciente da guarda responsável, sem acesso a rua (Romagnoli, 2024).

Enquanto previne doenças e tumores do sistema reprodutivo, a castração pode ser um dos pontos de influência no desenvolvimento de mastocitomas, osteossarcomas, linfomas, carcinoma de células transicionais, hemangiossarcomas, incontinência urinária, hipoadrenocorticismo ou hipotireoidismo, a maioria dessas afecções estão relacionadas à idade em que o animal passou pelo procedimento cirúrgico, cessando a atividade dos hormônios reprodutivos antes deles serem fisiologicamente maduros (Romagnoli, 2024).

O Hospital Veterinário não recebe financiamento para a realização de castrações populares, que são encaminhadas a clínicas ou hospitais conveniados ao serviço público, conforme orientação da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). Além disso, o setor de Obstetrícia e Ginecologia não realiza castrações eletivas como rotina, limitando-se a casos com indicação clínica, eventos específicos de castração ou projetos de pesquisa.

A colpoplastia parcial foi realizada de maneira emergencial no atendimento do setor, devido a um quadro de prolapso vaginal parcial com sinais de necrose por isquemia da parede vaginal dorsal prolapsada. O animal apresentava prolapso grau 3 de forma recorrente em todos osaios, com resolução espontânea ao final do estro de acordo com a proprietária. Porém, no último cio, o epitélio vaginal prolapsado foi lesionado e permaneceu exposto por mais de 9 dias, o que resultou em quadro necrótico. Para quadros de prolapso vaginal, a castração foi realizada como forma de prevenção de recidivas.

A queiloplastia, cirurgia de correção de queilosquise (fissura labial) foi realizada no serviço de Obstetrícia e Ginecologia por ser um paciente que o setor acompanhava desde o nascimento por cesariana. O protocolo para esse paciente desde o nascimento foi o aleitamento artificial por sonda até o desmame, limpeza frequente da fenda para evitar acúmulo de sujeira e microorganismos e acompanhar o crescimento do animal até atingir uma idade segura para o procedimento cirúrgico.

5 CASUÍSTICA FMVZ – USP.

Para a discussão da casuística na concedente FMVZ – USP, as informações serão organizadas em tabelas a fim de agrupar informações e apresentar dados simultâneos referente aos casos atendidos na segunda concedente.

ESPÉCIE E SEXO

Conforme a Tabela 14, foram atendidos 142 animais durante o período de estágio na FMVZ – USP, a espécie canina foi a mais atendida (75,3%). Em consequência ao fato de que o HOVET atende majoritariamente pequenos animais, apenas um animal silvestre foi atendido no serviço de Obstetrícia e Ginecologia, da espécie Jabuti, subespécie Jabuti-tinga, com retenção de ovo.

Analisando a relação entre sexos atendidos, 101 animais eram fêmeas (71,3%), pela característica do setor, e 41 eram machos (28,9%), por conta de projetos de castração que ocorreram no período,. Além disso, foram atendidos neonatos no momento da cesariana ou com más-formações congênitas.

Tabela 14. Relação de animais atendidos na FMVZ - USP separados por espécie e sexo.

Espécie	Fêmea	Macho	Total
Canina	72	35	107 (75,35%)
Felina	28	6	34 (23,94%)
Jabuti	1	0	1 (0,7%)
Total	101 (71,28%)	41 (28,87%)	142 (100%)

Fonte: Autora (2024).

RAÇA E SEXO

Em relação às raças atendidas no serviço de Obstetrícia e Ginecologia (Tabela 15), as mais frequentes foram de gatos SRD (23,2%) concomitantemente com cães da raça American Bully (23,2%), seguidos de cães SRD (17,6%).

Tabela 15. Relação de raças atendidas na FMVZ - USP.

Espécie/ Raça	Fêmea	Macho	Total
Canina	72	35	107 (75,35%)
American Bully	21	12	33 (23,24%)
SRD	20	5	25 (17,61%)
Golden Retriever	4	7	11 (7,75%)
Pitbull	5	5	10 (7,04%)
Buldogue Francês	4	1	5 (3,52%)
Shih Tzu	1	4	5 (3,52%)
Yorkshire	4	0	4 (2,82%)
Lhasa Apso	3	0	3 (2,11%)
Chihuahua	1	1	2 (1,41%)
Beagle	1	0	1 (0,7%)
Border Collie	1	0	1 (0,7%)
Cavalier King Charles Spaniel	1	0	1 (0,7%)
Chow chow	1	0	1 (0,7%)
Dachshund	1	0	1 (0,7%)
Labrador	1	0	1 (0,7%)
Pastor Alemão	1	0	1 (0,7%)
Pinscher	1	0	1 (0,7%)
Shar Pei	1	0	1 (0,7%)
Felina	28	6	34 (23,94%)
SRD	28	6	34 (23,94%)
Jabuti - tinga	1	0	1 (0,7%)
Total	101 (71,28%)	41 (28,87%)	142 (100%)

Fonte: Autora (2024).

FASES DE VIDA

Ao relacionar as fases de vida dos cães atendidos, conforme as faixas etárias estabelecidas por Peterson (2011) e Creevy (2019) (Tabela 16), verificou-se que os neonatos foram os mais frequentes (44,9%), seguido pelos cães adultos (28%). Os neonatos são atendidos no serviço de obstetrícia principalmente em situações de

nascimento por cesariana, quando necessitam de cuidados intensivos no período inicial pós-parto.

Tabela 16. Faixa etária dos cães atendidos na FMVZ - USP.

Fases de vida	Número de cães	Total
Neonato (até 14 dias)	48	48 (44,86%)
Jovem adulto (7 meses - 2 anos)	14	14 (13,08%)
Adulto (3 - 10 anos)	30	30 (28,04%)
Sênior (acima de 10 anos)	15	15 (14,02%)
Total	107	107 (100%)

Fonte: Autora (2024).

Avaliando a faixa etária dos gatos atendidos, das fases de vida de acordo com Peterson (2011) e Quimby (2021), os animais adultos foram os mais atendidos (50%), seguidos dos animais sênior (20,6%) como ilustra a Tabela 17.

Tabela 17. Faixa etária dos gatos atendidos na FMVZ - USP.

Fases de vida	Número de gatos	Total
Neonato (até 10 dias)	1	1 (2,94%)
Filhote (até 1 ano)	4	4 (11,76%)
Jovem adulto (1 - 6 anos)	5	5 (14,71%)
Adulto (7 - 10 anos)	17	17 (50%)
Sênior (acima de 10 anos)	7	7 (20,59%)
Total	34	34 (100%)

Fonte: Autora (2024).

AFECÇÕES

A casuística do serviço de Reprodução Animal da FMVZ – USP foi organizada de acordo com os sistemas acometidos, conforme demonstra a Tabela 18. A maior casuística foi de afecções do sistema reprodutivo feminino (67,1%), porém houve um número expressivo de animais com o comprometimento concomitante de outros sistemas, somando 32,9% dos animais.

Tabela 18. Casuística separada em sistemas dos animais atendidos da FMVZ – USP.

Sistemas	Canina	Felina	Total
Reprodutivo feminino	36	15	51 (67,11%)
Musculoesquelético	3	0	3 (3,95%)
Digestório	1	2	3 (3,95%)
Infeccioso e parasitário	0	3	3 (3,95%)
Nervoso	3	0	3 (3,95%)
Tegumentar	3	0	3 (3,95%)
Urinário	3	0	3 (3,95%)
Cardíaco	1	1	2 (2,63%)
Endócrino	2	0	2 (2,63%)
Linfático	0	1	1 (1,32%)
Respiratório	0	1	1 (1,32%)
Vascular	1	0	1 (1,32%)
Total	53 (69,74%)	23 (30,26%)	76 (100%)

Fonte: Autora (2024).

SISTEMA REPRODUTIVO FEMININO

Entre casos obstétricos e ginecológicos, os mais frequentes na concedente conforme (Tabela 19) foram de afecções mamárias (52,9%), as uterinas (15,7%), vulvares (11,8%) e vaginais (9,8%).

Casos reprodutivos emergenciais eram prioridade no atendimento de rotina, especialmente para quadros com tratamentos cirúrgicos como distocias, piometra e prolapsos vaginais.

Tabela 19. Casuística de afecções de sistema reprodutivo feminino acompanhadas na FMVZ – USP.

Afecção reprodutiva	Canina	Felina	Total
Afecções mamárias	14	13	27 (52,94%)
Tumor de mama ¹	13	10	23 (45,1%)
Hiperplasia mamária felina	0	3	3 (5,88%)
Lesão em mama ¹	1	0	1 (1,96%)
Afecções uterinas	8	0	8 (15,69%)

Piometra	6	0	6 (11,76%)
Metrite puerperal	1	0	1 (1,96%)
Mucometra	1	0	1 (1,96%)
Afecções vulvares	6	0	6 (11,76%)
Neoplasia vulvar ¹	2	0	2 (3,92%)
Papiloma genital	2	0	2 (3,92%)
Mífase genital	1	0	1 (1,96%)
Retração vulvar	1	0	1 (1,96%)
Afecções vaginais	5	0	5 (9,8%)
TVT	3	0	3 (5,88%)
Prolapso vaginal	1	0	1 (1,96%)
Vaginite	1	0	1 (1,96%)
Outras	3	2	5 (9,8%)
Abortamento	0	1	1 (1,96%)
Hipocalcemia puerperal	1	0	1 (1,96%)
Distocia	0	1	1 (1,96%)
Mumificação fetal	1	0	1 (1,96%)
Pseudociese	1	0	1 (1,96%)
Total	36 (70,59%)	15 (29,41%)	51 (100%)

¹A esclarecer

Fonte: Autora (2024).

A hiperplasia mamária felina, foi observada em 3 casos (5,8%). Esta é uma proliferação benigna e não neoplásica dos ductos mamários e tecido conjuntivo, de crescimento rápido sob influência de progesterona, endógena ou exógena. Esta afecção é observada com mais frequência em gatas jovens gestantes ou não, após o tratamento com progestágenos ou na falsa gestação (Oliveira, 2015). Para o tratamento desta afecção é indicada a realização de OH e antiprolactínicos (Prestes, 2015).

A metrite puerperal pode acometer cadelas após cesarianas, partos vaginais e distocias, ocasionadas por infecções ascendentes no período de dilatação cervical, permitindo o desenvolvimento de microorganismos oportunistas na parede uterina. Os sinais clínicos incluem hipertermia, apatia, anorexia, desidratação, hipogalactia e secreção vaginal purulenta. O tratamento pode ser conservativo, sem a ovariectomia, utilizando fármacos uterotônicos, como a ocitocina ou a prostaglandina, e antibioticoterapia sistêmica (Prestes, 2015).

No caso descrito atendido na rotina da Obstetrícia, a cadela e a ninhada apresentavam diarreia e hipertermia, diagnosticando precocemente uma metrite por citologia vaginal e ultrassonografia. Foi optado pelo tratamento medicamentoso com antibiótico e carprofeno, além do monitoramento da involução uterina antes de considerar outros tratamentos, pelo interesse reprodutivo e valor do animal, sendo escolhido esse manejo de forma cautelosa e consciente, sempre considerando e preservando a saúde materna. Neste caso, os neonatos foram encaminhados para o serviço de Neonatologia.

A falha na concepção, mesmo após uma cobertura efetiva, pode ser decorrente de contaminação bacteriana vaginal ou prepucial, sendo a vaginite uma possível afecção recorrente nesses casos (Tabela 19). No caso atendido, houve a resolução espontânea após o ciclo estral, por conta da ação estrogênica no epitélio vaginal (Prestes, 2015).

OUTROS SISTEMAS

A Tabela 20 elenca as afecções de outros sistemas acompanhados durante a rotina na área de Obstetrícia e Ginecologia de cães e gatos. Mesmo sendo um serviço especializado, os animais atendidos sempre eram avaliados de forma geral, buscando outras alterações de saúde que poderiam estar comprometendo o bem-estar do animal, ocasionando a queixa reprodutiva ou sendo secundária a ela.

As únicas afecções repetidas referem-se a dois casos de epilepsia a esclarecer (8%), em cadelas que apresentavam episódios epiléticos durante o estro, além de dois casos de cistite (8%), sendo um caso decorrente de contaminação devido à retração vulvar, por excesso de gordura perineal, corrigida cirurgicamente, e um caso de cistite após recuperação cirúrgica de nodulectomia vaginal.

Tabela 20. Casuística de afecções de outros sistemas acompanhadas na FMVZ – USP.

Afecção	Canina	Felina	Total
Musculoesquelética	3	0	3 (12%)
Fissura labiopalatina	1	0	1 (4%)
Gastrosquise	1	0	1 (4%)
Hérnia inguinal	1	0	1 (4%)

Digestória	1	2	3 (12%)
Íleo paralítico	0	1	1 (4%)
Megaesôfago	0	1	1 (4%)
Peritonite	1	0	1 (4%)
Infeciosa ou parasitária	0	3	3 (12%)
Fetos enfisematosos	0	1	1 (4%)
Leucemia Viral Felina	0	1	1 (4%)
Maceração fetal	0	1	1 (4%)
Nervosa	3	0	3 (12%)
Epilepsia a esclarecer	2	0	2 (8%)
Hidrocefalia	1	0	1 (4%)
Tegumentar	3	0	3 (12%)
Anasarca fetal	1	0	1 (4%)
Deiscência de pontos	1	0	1 (4%)
Neoplasia cutânea	1	0	1 (4%)
Urinária	3	0	3 (12%)
Cistite	2	0	2 (8%)
Lesão renal ¹	1	0	1 (4%)
Cardíaca	1	1	2 (8%)
Cardiomiopatia hipertrófica	0	1	1 (4%)
Má formação cardíaca ¹	1	0	1 (4%)
Endócrino	2	0	2 (8%)
Diabetes <i>mellitus</i>	1	0	1 (4%)
Hipoadrenocorticismo	1	0	1 (4%)
Hemolinfopoiética	0	1	1 (4%)
Linfoma	0	1	1 (4%)
Respiratória	0	1	1 (4%)
Contusão pulmonar	1	0	1 (4%)
Vascular	1	0	1 (4%)
Hemangiossarcoma	1	0	1 (4%)
Total	17 (68%)	8 (32%)	25 (100%)

¹A esclarecer

Fonte: Autora (2024).

Na rotina da Obstetrícia, alguns casos precisam ser monitorados de forma mais intensa para evitar o agravamento do quadro. Uma paciente, felina, apresentava

hiperplasia mamária por progesterona endógena, decorrente de uma prenhez. Por ser ainda uma gata filhote, seu quadro era de risco, sendo monitorada ao longo dos dias para acompanhar a evolução da gestação e da hiperplasia.

Houve resolução favorável da hiperplasia, porém desfavorável da gestação, interrompida por abortamento na segunda semana pós atendimento, apresentando sinais clínicos de secreção vulvar sanguinolenta por mais de três dias, secreção ocular intensa, quadro anêmico e leucopenia, levantando a suspeita de algo infeccioso, como FeLV, que poderia ter acarretado o aborto.

A suspeita de leucemia viral felina foi confirmada por teste rápido SNAP para FIV/FeLV, sendo positiva para FeLV, justificando o quadro infeccioso agudo que a gata apresentava, sendo acompanhada pelo serviço de Obstetrícia até a involução uterina completa, por ultrassonografia, porém encaminhada ao serviço de clínica médica de pequenos animais para ser avaliada e continuar o acompanhamento do quadro infeccioso.

Alterações endócrinas, como o hipoadrenocorticism, são critérios de exclusão na seleção de cadelas para cobertura, pelo risco da gestação e do agravamento do quadro do animal, ficando mais suscetível à desidratação, agravamento da anemia gestacional, reabsorção de cálcio, síndrome da má absorção e hiperparatireoidismo secundário nutricional (Prestes, 2015).

Uma cadela gestante, previamente diagnosticada com hipoadrenocorticism, foi encaminhada ao serviço devido à preocupação da equipe de clínica médica de pequenos animais. A paciente foi acompanhada para monitoramento da gestação, período pré-parto e pós-parto. Optou-se por realizar uma cesariana programada associada à ovariohisterectomia, com acompanhamento da dosagem sérica de progesterona até o momento da cirurgia. Os neonatos apresentaram baixo peso, possivelmente em decorrência do distúrbio endócrino materno. Além disso, foi identificado um filhote com suspeita de hidrocefalia, um natimorto e um feto mumificado.

6 CONCLUSÃO

Ao completar esse período de estágio curricular obrigatório, foi possível vivenciar a rotina prática dentro das instituições concedentes de forma satisfatória, adquirindo conhecimento teórico-prático extremamente valioso e fundamental para esse momento de transição entre a graduação e o mercado de trabalho. A experiência

permitiu uma visão integral sobre o mercado de trabalho e os desafios do médico veterinário na rotina clínica e cirúrgica, dentro da área de reprodução animal.

Portanto, o estágio obrigatório final atendeu às expectativas gerais para a formação acadêmica, proporcionando oportunidades únicas, ampliando conhecimento teórico, aumentando a rede de relacionamentos dentro da profissão e aprimorando a visão acerca da medicina veterinária, condutas clínicas e atuações do profissional médico veterinário.

REFERÊNCIAS

AIRES, Luiz Paulo Nogueira; et al. Ultrasonographic aspects of the uterus and ovaries of bitches during the estrous cycle – paper review. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**; v.45, n.1, p. 3-11. 2021.

ALVES, Lidiane da Silva.; et al. Estimativa da idade gestacional em cadelas utilizando medidas fetais e a organogênese obtidas por ultrassonografia. **Vet. e Zootec.**; 23(4): 604 – 612. 2016.

CASSALI, Geovanni; et al. Consensus Regarding the Diagnosis, Prognosis and Treatment of Canine and Feline Mammary Tumors - 2019. **Braz J Vet Pathol**; 13(3), 555 – 574. 2020.

CREEVY, Kate. E., et al. 2019 AAHA Canine Life Stage Guidelines. **Journal of the American Animal Hospital Association**; v. 55, n. 6, p. 267-290. 2019.

De NARDI, Andriago Barbosa; et al. Diagnosis, Prognosis and Treatment of Canine Cutaneous and Subcutaneous Mast Cell Tumors. *Cells*. 2022.

FOX, Leslie E., et al. Tumors of the abdominal cavity. In: HENRY, Carolyn J., HIGGINBOTHAM, Mary Lynn. **Cancer Management in Small Animal Practice**. Elsevier, p. 249 -298. 2010.

GREENFIELD, Cathy .L., et al. Frequency of use of various procedures, skills, and areas of knowledge among veterinarians in private small animal exclusive or predominant practice and proficiency expected of new veterinary school graduates. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, 224, 1780–1787. 2004.

GURGEL, et al. Dinâmica folicular em éguas: aspectos intrafoliculares. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte; v.32, n.2, p.122-132. 2008.

HAGMAN, Ragnvi. Clinical and Molecular Characteristics of Pyometra in Female Dogs. **Reproduction in Domestic Animals**; 47 (Suppl. 6), 323–325. 2012.

MILLS SW, et al. Prognostic value of histologic grading for feline mammary carcinoma: a retrospective survival analysis. **Vet Pathol**; 52(2):238-49. 2015.

MÜNNICH, A.; KUCHENMEISTER U. Causes, Diagnosis and Therapy of Common Diseases in Neonatal Puppies in the First Days of Life: Cornerstones of Practical Approach. **Reproduction in domestic animals**; v.49, p. 64-74. 2014.

OLIVEIRA, Clair Motos. Afecções do Sistema Genital da Fêmea e Glândulas Mamárias. Doenças do Sistema Genital e Reprodutor. In: JERICÓ, M.M.; NETO, J.P.A.; KOGIKA, M.M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. 1.ed. Roca, Rio de Janeiro. 2015.

PAUDEL, Madhav, et al. Microbiological and hematological aspects of canine pyometra and associated risk factors. *Heliyon*; v. 9, n 12, e22368. 2023.

PEREIRA, Keylla Helena Nobre Pacífico; et al. Neonatology: Topics on Puppies and Kittens Neonatal Management to Improve Neonatal Outcome. *Animals*. 2022.

PETERSON, Michael E.; KUTZLER, Michelle A. Small animals pediatrics: the first 12 months of life. 1. ed. St. Louis: Saunders. p.82-87. 2011.

PRESTES, Nereu Carlos; LEAL, Luciana da Silva. Patologias da Gestação, Parto Distócico e Puerpério Patológico em Cadelas e Gatas. Doenças do Sistema Genital e Reprodutor. In: JERICÓ, M.M.; NETO, J.P.A.; KOGIKA, M.M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. 1.ed. Roca, Rio de Janeiro. 2015.

QUIMBY, J., et al. Feline Life Stage Guidelines AAHA/AAFP 2021. **Journal of Feline Medicine and Surgery**; v. 23, n. 3, p. 211-233. 2021.

ROMAGNOLI, S.; et al. WSAVA guidelines for the control of reproduction in dogs and cats. **Journal of Small Animal Practice**, 2024.

SAURABH, et al. Current perceptive on canine cystic endometrial hyperplasia-pyometra syndrome-A review. **International Journal of Chemical Studies**; 8(2): 147-154. 2020.

SIMERMMAN, Nívia F. S,. Sulfato de vincristina no tratamento do tumor venéreo transmissível frente à caracterização citomorfológica. 2009.